

encontrar com a potência inventiva das escolas. Assim, propomos um programa de formações-curriculantes via plataforma Google Meet realizadas no ano de 2021.

Consideramos, os encontros formativos foram espaços-tempos onde insurgiram uma experimentação ética, estética, política e poética por meio da arte *escrevinhadeira* o que resultou no que chamamos de *escrevinhações-curriculantes*.

Ao longo de quinze encontros, os *praticantes* das escolas públicas puderam, a partir da leitura de fragmentos literários, da escuta de podcasts e da produção de imagens, experimentar processos de invenções escriturísticas. Ressaltamos, as produções coletivas inventadas nas formações-curriculantes foram assinadas na pesquisa como NÓS-EM-NÓS. Consideramos, “Escrever é uma tentativa de libertar a vida daquilo que a aprisiona, é procurar uma saída, encontrar novas possibilidades, novas potências de vida” (MACHADO, 2010, p. 221).

Ao assumir como aporte conceitual a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari nessa pesquisa, entendemos: “Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de correntes, contracorrentes, de redemoinho com outros fluxos, fluxos de merda, de esperma, de fala, de ação, de erotismo, de dinheiro, de política, etc.” (DELEUZE, 2013, p. 17).

Imersa no isolamento provocado pelo período de pandemia e diante de um desgoverno pautado por ideais de necropoder (MBEMBE, 2020), o ato de criar vias para uma resistência ativa se tornou uma ação prudente de liberar a vida onde uma respiração (MBEMBE, 2020) pedia uma passagem.

Enquanto vidas eram negligenciadas pelo acirramento da ciência, da pesquisa e da educação, o que contribuiu com a morte de milhares de pessoas em decorrência da Covid-19 ao ter um desgoverno que banalizou o processo de vacinação, as formações-curriculantes foram movimentos de encontros, de afetos, de invenções, dos quais, as *escrevinhações-curriculantes* reverberaram uma possibilidade outra de curricular via escritas poéticas.

A escrita poético-literária experimentada nas formações-curriculantes entram em composição *com* os cotidianos das escolas e visa a “[...] um novo esforço da atenção e ‘descobre’ um mundo dentro do mundo conhecido” (LAWRENCE, 2016, p. 6). Entendemos a partir de Lawrence (2016, p. 3),

Poesia é uma questão de palavras. Poesia é também o afinar de palavras dentro de um murmúrio, de uma melodia, ou de rastro de cores. Poesia é a sugestão prismática de uma ideia. Poesia é tudo isso e ainda alguma coisa a mais. Dados todos estes ingredientes, você obtém alguma coisa bem parecida com poesia, algo de que poderão dizer ‘Oh! Isso é muito patético’. E ‘o que é muito poético’, como um brique, estará na moda. Mas a poesia ainda é outra coisa.

Escolas fechadas.

Dificuldades encontradas.

Cria grupo.

Posta imagens.

Faz cópia.

Faz vídeos.

Vira vírus.

Vira caos.

Come paragens.

Mostra minha cara.

Meu corpo.

Minha casa.

Ruas vazias.

Corpos cheios.

Escrituras experimentadas.

Formação continuada

Nada falta.

Nada, falta.

Falta.

Ei, você está aí?

Falta.

(NÓS-EM-NÓS, 2021).

A poesia produzida na formação-curriculante, uma entre tantas outras inventadas no coletivo NÓS-EM-NÓS, aponta algumas problemáticas desse tempo outro. Tivemos um total

de sessenta e quatro escolas municipais fechadas. O trabalho, ora de modo totalmente remoto, ora de modo híbrido escancarou algumas fragilidades educacionais e sociais, a exemplo do uso das novas tecnologias, do difícil acesso tecnológico e a não realização das atividades remotas.

A sobrecarga no trabalho docente também é percebida no ritmo poético. Os verbos criar, postar, fazer, virar, comer entra em composição com os múltiplos fazeres de um tempo que exigiu do corpo um outro modo de inventar processos outros de ensino-aprendizagem. Por outro lado, o verbo faltar sinaliza ausências, seja por parte do aluno em não realizar as devolutivas das atividades, seja pela perda de um ente querido, ou ainda, seja pela necessidade de faltar à formação-curriculante em decorrência de um possível esgotamento do corpo.

Percebemos ao longo dos quinze encontros que a pandemia foi um tema recorrente, pois este era o nosso cotidiano. Assim, questionamos: que vida-escolas desejamos ao atravessar um tsunami de acontecimentos pandêmicos? Inseridas em uma necropolítica que negligenciou vidas no decorrer da pandemia, que vida-escolas podemos inventar de modo a termos um espaço-tempo escolar respirável a partir das práticas curriculantes? O que aprendemos desse acontecimento?

Diante do exposto, apostamos em uma vida que se inventa *com* os cotidianos escolares e insurgem por meio do ato de curricular que, também pode acontecer por meio das forças poéticas e das *escrevinhações-curriculantes*. Consideramos a escrita como gesto potente do corpo-professor de fazer vazar um esgotamento, mas também, como um modo de respirar em meio ao intolerável.

Escrever para inventar uma vida bonita foi um modo de recuperar o riso de quem brinca *com* os cotidianos escolares e não cansa de defender as escolas públicas no Brasil. Desse modo, defendemos um modo de curricular afeto aos gestos menores em que a palavra pode romper com uma necropolítica e vazar via uma arte poética.

Palavras-chave: Currículos; pesquisa *com* os cotidianos; escritas poéticas.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção dos cotidianos: artes de fazer*. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

LAWRENCE, David Herbert. *Caos em poesia*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2016.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*, 2020. Disponível em https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf Acesso em: 12 mar. 2021.